

A MORTE NA PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE QUATRO A DEZ ANOS: UM OLHAR A PARTIR DE ESCOLAS DO VALE DO TAQUARI/RS**DEATH IN PERCEPTIONS OF STUDENTS AGE FOUR TO TEN: A VIEW AT SCHOOL REALITIES OF THE TAQUARI VALLEY**

Rogério José Schuck¹
Vera Lúcia Kuhn Bruxel²
Magali Beatriz Strauss³

Resumo

Este artigo busca (re)conhecer as percepções de morte existentes no contexto de três escolas do Vale do Taquari/RS/BRA, a partir de vivências de crianças na faixa etária dos quatro aos dez anos. As informações foram coletadas mediante contação de histórias acerca da temática da morte, seguida de uma conversação norteada por questões pré-estabelecidas. Também utilizou-se o desenho como ferramenta para expressar vivências relacionadas à morte, juntamente com um registro das conversações no diário de campo. Percebeu-se especial preocupação das crianças com relação ao que causa a morte, um forte desejo de não morrer, luto por animais, por pessoas e certa presença de rituais com a expectativa do pós-morte, que se relaciona à ideia de “céu x inferno”. Concluiu-se que o convívio com um animal de estimação é uma das principais experiências da criança na construção da sua percepção sobre a morte, assim como a participação nos rituais de sepultamento de pessoas próximas, especialmente das mais idosas. Percebeu-se também a necessidade em abordar e discutir as vivências de perdas relacionadas à morte entre as crianças, destacando-se a urgência de a temática ser abordada nos distintos espaços escolares, sendo o desenho uma forma de comunicação essencial nesse processo.

Palavras-chave: Morte. Vivências. Crianças. Escola.

Abstract

This article intends to get to know the perceptions about death present in the context of three schools of the Taquari Valley, in the state of RS, Brasil, from living experiences of children four to ten years old. The data were gathered through the telling of stories about the subject of death, followed by a conversation based on pre-established questions. Drawings made by the children were also used as a way to express living experiences related to the death, besides the daily

¹ Graduado em Filosofia. Doutor em Filosofia/PUC/RS. Coordenador da Área de Humanidades e professor do Centro de Ciências Humanas e Jurídicas, PPGECE e PPGEnsino do Centro Universitário UNIVATES. Lajeado, RS, BRA. E-mail: rogerios@univates.br

² Graduanda em Pedagogia – Parfor no Centro Universitário UNIVATES. Professora na Rede Municipal de Educação de Arroio do Meio, RS, BRA.

³ Graduada em Serviço Social – Unisinos/RS, Graduanda em Pedagogia – Parfor no Centro Universitário UNIVATES. Professora na Rede Municipal de Educação de Teutônia, RS, BRA.

records of the conversations in the field diary. The results show a preoccupation of the children in relation to what causes the death, a strong desire of not dying, mourning for animals, for people and the presence of some rituals with the expectation of the post-mortis, that is related to the idea of “heaven x hell”. The study ended up that living in contact with a pet is one of the main experiences of the child in the construction of his/her perception about death, as well as taking part in the funeral rituals of closer people, specially of the older ones. It also showed the need of bringing up a discussion on the living experiences of losses related to the death among the children, pointing out the urgent need of developing the subject in the school environment, being the drawing a way of communication essential in this process.

Keywords: Death. Living experiences. Children. School.

1. Introdução

A investigação foi feita num contexto escolar, sendo a ação docente desenvolvida com alunos da faixa etária de quatro até dez anos. Inicialmente percebeu-se que as crianças traziam situações e vivências que estão relacionadas à questão das perdas. São situações que lembram muito a mudança de escola, local de moradia, professores e colegas, separação dos pais e morte de familiares e de seus animais de estimação.

Com base nessas observações e desafios, buscamos (re)conhecer as percepções de morte existentes no contexto de três escolas do Vale do Taquari/RS/BRA, a partir do olhar de crianças na faixa etária de quatro a dez anos que frequentam o contexto escolar. Outro objetivo foi obter dados para fundamentar o olhar sobre a temática da morte no contexto escolar. As informações foram coletadas por meio da dinâmica de contar uma história relacionada com a temática morte, seguida de uma conversação, da realização de um desenho e escrita de cada aluno, conforme a faixa etária. Os resultados a que chegamos e algumas questões que a pesquisa levantou podem ser vistos no corpo do texto.

2. Metodologia

A partir da definição da amostragem, buscamos trabalhar numa perspectiva exploratória e qualitativa, pois, conforme Santos (2002, p. 25), “[...] explorar é tipicamente fazer a primeira aproximação de um tema”. Gil (2007, p. 42), a esse respeito, complementa expondo que a pesquisa exploratória deve: “Proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a

torná-lo mais explícito [...] seu planejamento é, portanto, bastante flexível de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”.

Chemin (2012, p. 58) destaca que esse tipo de pesquisa geralmente “[...] está voltado para o quê, qual, quais”. Desse modo, pôde-se entrar no mundo da criança e trabalhar com ela a partir do seu horizonte de compreensão. Outra ferramenta que foi indispensável foi a metodologia descritiva, a qual, conforme Santos (2002, p. 26), compreende “[...] um levantamento das características conhecidas que compõem o fato/fenômeno/processo. É normalmente feita na forma de levantamentos ou observação sistemática”.

Optamos pela abordagem qualitativa, pois consideramos que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, tendo o ambiente onde o indivíduo se encontra uma relação direta para a coleta de dados, sendo o pesquisador o instrumento-chave da pesquisa. Nas palavras de Lopes (2006, p. 11):

[...] a pesquisa qualitativa supõe contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo [...]. Os focos de observação nas abordagens qualitativa de pesquisa são determinadas basicamente pelos propósitos específicos do estudo, que por sua vez derivam de um quadro teórico geral, traçado pelo pesquisador.

Quanto ao fato de termos optado por uma pesquisa de campo, esta se fez necessária porque estuda um grupo ou comunidade social (escola) por meio de técnicas de observação e de entrevistas com informantes para obter suas explicações e captar interpretações do que ocorre no grupo, a fim de ressaltar a interação entre seus componentes. (CHEMIM, 2012).

Participantes do estudo

O estudo foi realizado em três contextos escolares distintos do Vale do Taquari/RS. A escola 1, localizada na zona urbana, caracteriza-se por possuir na sua matrícula alunos da Educação Infantil até o Ensino Fundamental. A Educação Infantil (quatro e cinco anos de idade) e Séries Iniciais: 1º ano até o 5º ano são atendidos por uma mesma professora. A escola possui turmas no turno da manhã e tarde. Os alunos do 6º até o 9º ano⁴ são atendidos por disciplina, no

⁴ A Lei nº. 9.394/96 indicou a possibilidade da ampliação do Ensino Fundamental obrigatório de oito para nove anos de duração, iniciando aos seis anos de idade. Essa indicação tornou-se meta da educação nacional pela Lei nº. 10.172/2001, aprovando o Plano Nacional de Educação. A instituição do Ensino Fundamental de nove anos de

turno da manhã. Os discentes da Educação Infantil e das Séries Iniciais têm semanalmente duas aulas de Educação Física, uma aula de Informática e uma de Música. Os alunos são oriundos de famílias que, na sua maioria, trabalham nas funções de operários em fábricas do setor alimentício e calçadista, na construção civil e como pequenos comerciantes.

Optou-se por realizar a presente pesquisa, nessa escola, com três crianças da Educação Infantil, um menino de quatro anos, um menino e uma menina de cinco anos. A escolha desses participantes foi motivada pela percepção do fato de que eles já haviam vivenciado situações relacionados com perdas e mortes de pessoas próximas.

Na escola 2, situada na zona rural, optou-se por realizar a pesquisa com os discentes que frequentam do 2º ao 5º ano, abrangendo a faixa etária dos seis aos dez anos, totalizando 16 alunos. Semanalmente as crianças têm uma aula de Informática e uma de Educação Física. A maioria das crianças são advindas de famílias que tiram seu sustento da criação integrada de animais (leiteiro, aves e suínos). Alguns moradores, apesar de fixarem residência na zona rural, trabalham em atividades como: diaristas, motoristas, operárias em empresas do setor de vestuário, pequenos empresários no setor moveleiro, no setor de transportes e pavimentação. Um ponto que merece destaque é o fato de que em quase todos os relatos os avós possuem uma forte presença no que tange ao cuidado das crianças, especialmente no turno em que não estão na escola.

Na escola 3, cuja localização também é na zona rural, os dados foram coletados numa turma multisseriada, constituída por quatro crianças do 1º ano (seis anos), uma criança do 3º ano (sete anos) e um aluno do 5º ano (dez anos), atendidos por uma única professora. O sustento das famílias é proveniente do trabalho com a produção e venda de carvão, criação integrada de animais (leiteiro e suínos), emprego no setor calçadista e educacional. Nas relações familiares, também chama a atenção a convivência com os avós durante a semana e finais de semana.

duração, com o ingresso aos seis anos de idade completados até o dia 31 de março do respectivo ano letivo, foi determinada pela Lei nº. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. A ampliação do Ensino Fundamental é uma das estratégias para o aumento da escolaridade brasileira, contribuindo na mudança estrutural e cultural do sistema educacional. A política internacional avalia a riqueza de um país também pelo capital humano, ou seja, a sua educação formal, técnica e científica, que é uma exigência de organizações internacionais para a liberação de empréstimos.

Técnicas e procedimentos de coleta de informações

Para o desenvolvimento da pesquisa foram coletadas informações no segundo semestre de 2012, no espaço escolar das respectivas escolas. Houve a autorização da equipe diretiva das escolas mediante Termo de Consentimento, apresentação do projeto de pesquisa aos professores e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE por parte dos participantes da pesquisa, em duas vias, uma para o pesquisador e a outra para o pesquisado.

Optamos por realizar um trabalho diferenciado com as crianças de quatro e cinco anos, partindo de um acolhimento na biblioteca para uma conversa individual e da leitura do livro “Um Senhor Amigo” (HONORA, 2009), que aborda a temática da morte ao contar a história de uma grande amizade entre um neto e o seu avô. Após esse momento, abrimos espaço para o diálogo, tendo por base as seguintes questões:

- a) O que fala a história?
- b) Isso é verdade? Pode acontecer com as pessoas também?
- c) Você já ficou triste por causa de algum acontecimento?
- d) Desenhar o que lembra desse dia.

A coleta dos dados com as crianças de seis a dez anos compreendeu um processo de contação da história, precedida de conversação dirigida pelas questões acima apresentadas. O registro desse processo deu-se da seguinte forma: realização do desenho, escrita da representação deste pelas crianças e registro das conversações pelas pesquisadoras no diário de campo. Paralelamente foram efetuados registros acerca dos desenhos realizados, advindos de uma conversação sobre o porquê deles. Voltaremos a essa questão na análise e discussão dos resultados.

A adoção desses procedimentos para a coleta de dados deu-se pelo entendimento de que a criança globalmente “[...] mescla suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala”. (DERDYK, 1989, p. 15).

Para resguardar a identidade dos participantes, utilizamos os seguintes códigos para os sujeitos participantes:

Menino A e B – quatro e cinco anos;

Menino 1 e 2 – seis anos;
Menino 3 e 4 – sete anos;
Menino 5, 6, 7, 8 – dez anos;
Menina A – cinco anos;
Menina 1 e 2 – seis anos;
Menina 3, 4, 5, 6, 7, 8 – sete anos;
Menina 9 – oito anos;
Menina 10, 11, e 12 – nove anos;
Menina 13 e 14 - dez anos.

3. Análise das informações

Após a aproximação dos dados, as informações coletadas referentes aos registros escritos foram classificadas em categorias de análises. Estas categorias passaram a ser estabelecidas pelo agrupamento das percepções dos participantes do estudo acerca da temática da morte e das perdas. As percepções foram categorizadas desta forma: a) causa da morte; b) luto por animais; c) luto por pessoas; d) ritual; e) pós-morte: céu x inferno; f) reprodução das falas dos adultos; g) desejos relacionados ao não morrer; h) sentimentos de tristeza; i) indícios de superação (do luto da morte).

Os desenhos das crianças foram analisados respeitando as semelhanças, considerando as categorizações anteriormente construídas. Visualizamos as seguintes manifestações numa unidade de expressão: 1) caixão, flores, cruz; 2) céu, sol, nuvens, estrelas, animais, Deus; 3) acidentes – estrada asfaltada com carros – animais mortos sangrando e pessoas chorando; 4) temporal. Os desenhos têm a função de representar as percepções sobre a morte.

O desenho, bem como o sonho, pode participar de níveis de leitura. Podemos detectar o 'conteúdo manifesto' do desenho, que seriam as imagens ali presentes no papel e o 'conteúdo latente', que trata das mensagens subliminares, escondidas também ali no papel. Esta possível interpretação sugere ser o desenho uma atividade que, além de envolver uma operacionalidade prática, o manejo de materiais e instrumentos, pode envolver um resgate de uma simbologia complexa que existe por detrás da representação visual por meio de signos gráficos, fruto do intenso exercício mental, emocional e intelectual que o ato de desenhar promove. (DERDYK, 1989, p. 54).

A simbologia complexa presente nos desenhos das crianças ilustra, enriquece, amplia e permeia a análise dos dados. Além disso, o desenho é a própria manifestação mais profunda da

subjetividade que se exterioriza, deixando transparecer elementos que a linguagem falada e a escrita não conseguem alcançar.

4. Análise e discussão dos resultados

Com base na observação dos dados coletados, foram elaboradas dez categorias de análise presentes nos relatos. Apresentaremos cada uma delas:

a) Causa da morte

As crianças que vivenciaram experiências relacionadas com a morte de pessoas próximas relatam as suas percepções, de modo especial vinculadas ao fator idade avançada. Há uma espécie de reconhecimento do limite da vida. Relacionado a esse fator, destaca-se a fala:

Eu tenho um vô e uma vó que moram perto da minha casa. O meu vô também conta muitas histórias pra mim e ele vai morrer um dia... Ele tá muito gordo, mas eu acho que a minha vó vai morrer primeiro, ela tá muito magra. De noite a minha vó vai dormir logo, porque quando eu vou lá, pra olhar o “Chaves”, a vó já foi dormir. E ela tosse muito... Ela já foi no hospital. Lá fizeram uma injeção nela e agora precisa tomar comprimido. (Menino B, cinco anos).

Eu acho que a minha vó também vai morrer, porque ela sempre tem dor nas costas e um dia já levaram ela no hospital. (Menina A, cinco anos).

Morrer acontece com todo mundo porque eles são velhinhos. Crianças também morrem, às vezes eles matam, são atropeladas, vão para o cemitério. (Menino 2, seis anos).

Percebe-se que a morte gera uma série de explicações sobre tal fato. “*Levaram ela no hospital e lá deram remédio que era veneno, então ela morreu. Eu fiquei triste, mas não muito*” (Menino A, quatro anos). Para o menino de quatro anos, o veneno é o agente causador da morte. A velhice é apontada como fase da vida em que a morte ocorre, também acompanhada de doenças, tosse, dor nas costas e estar muito magro. No relato do menino de seis anos, existe a presença de elementos que trazem a possibilidade da morte de crianças causada por um fator externo, a saber, assassinato e acidentes. Chama muito a atenção a fala de que o hospital é o local da morte das pessoas. No entanto, a morte dos animais é decorrente de doenças e de desaparecimento. “*Os cachorrinhos ... um tinha gripe e o outro fugiu. Ele morreu e foi pro céu. Eles dormem*” (Menina 6, sete anos). “Entre 9 e 10 anos, as crianças já percebem que a morte envolve a cessão das atividades corpóreas e há diminuição do pensamento mágico. É capaz de

incluir-se a idéia de morte, mas atribui o fim da vida à velhice e à doença”. (VENDRUSCOLO, 2005, p. 28).

Surpreende a amplitude da reflexão sobre o evento da morte nos relatos a seguir:

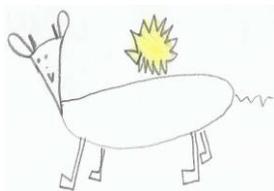
É triste morrer porque a gente não existe mais, não pode comer, não pode tomar água. Não pode fazer nada, daí.... (Menino 1, seis anos).

A minha cadela Nina morreu no temporal. Fique triste e chorei. Agora ela tá no céu com os seus filhotes, ensinando eles a brigar contra os cachorros que querem matar eles. Ela não precisa de comida, pois anjos não comem. A comida da terra foi o suficiente. Enterramos ela, eu e a mamãe. Ela sentiu-se culpada e chorou. Enterramos no quintal, na horta. Tampamos o buraco e colocamos flores. A morte do meu vovô me tirou um pouco do medo. Agora eu não tenho medo de ver pessoas mortas. Olhar as pessoas mortas parece um boneco. O sangue não circula mais. O meu vô tá no céu fazendo, tocando as músicas que ele tocava na terra. Ele está com Deus. (Menino 4, sete anos).

Conforme podemos perceber, imaginação e fantasia misturam-se com observações reais da vida cotidiana referentes a aspectos biológicos da vida. Torres (1999) menciona que o conceito de morte não é unitário, portanto exige uma abordagem multidimensional que considere a definição de componentes ou dimensões de sua constituição a irreversibilidade, a não funcionalidade e a universalidade. A irreversibilidade “[...] refere-se à compreensão de que o corpo físico não pode viver depois da morte. Portanto, inclui o reconhecimento da impossibilidade de mudar o curso biológico ou de retornar a um estado prévio” (TORRES, 1999, p. 27). Quanto ao conceito da não-funcionalidade, este faz referência à cessão das funções que definem a vida com a chegada da morte. Seguindo nas trilhas de Torres (1999, p. 27 – 28), percebe-se que há uma generalização e universalização com relação à morte, na “compreensão de que tudo que é vivo morre”.

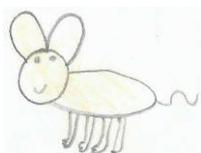
b) Luto por animais

A morte dos animais de estimação é uma das experiências mais mencionadas nos relatos e desenhos. Em torno de 90% das crianças envolvidas na pesquisa apontam para essa situação. Essa vivência é acompanhada de tristeza, da afirmação de que eles foram para o céu e estão perto de Deus. Os desenhos feitos pelas crianças e os relatos expressam muito significativamente essa constatação:



“O cabritinho tá no céu com a estrela amiguinha” (Menina 4, sete anos).

Autor: Menina 4, sete anos



“Eu acho que o cachorro Fiel foi para o céu. Eu gostaria que ele fosse

o cachorro de Deus” (Menina 8, sete anos).

Autor: Menina 8, sete anos

Uma vez que eu fiquei muito triste quando o meu cachorro morreu, e quando o cachorro da minha vó morreu. (Menina 12, nove anos).

Lesse era minha cachorrinha. Eu gostava muito dela. A Lesse era muito brincalhona. Toda vez que eu chegava da escola, largava minha mochila e brincava com ela. Lesse morreu, não sei por que, mas eu acho que foi alguma coisa que ela comeu. (menina 13, dez anos).

Quando eu era pequena, meu vó vendeu a primeira vaca que eu tirei leite. O nome dela era Branca. Quando eles vieram buscá-la, eu comecei a chorar. (Menina 14, dez anos).

A morte do animal de estimação ou a perda do contato físico com o animal é um acontecimento que leva a criança a experimentar o sentimento de profunda tristeza. Essa é uma experiência fundamental e que certamente auxilia para saber lidar com situações posteriores relacionadas com frustrações, perdas e mortes de pessoas próximas.

Outro aspecto de destaque é a criação de um ritual para o sepultamento do animal de estimação, sendo algo referendado em muitos relatos:

O meu cachorrinho Formigão morreu. Eles deram veneno para ele. Quando eu acordei, vi ele morto. Enterrei ele. Eu e o pai enterramos nas taquaras. Fiquei triste. Peguei uma enxada, fiz um buraco, enterrei ele. Agora ele tá na terra, nas taquaras, tá enterrado lá. (Menino 1, seis anos).

A criança não se vê como mero expectador no ritual de sepultamento, mas assume o papel de protagonista, sendo ativa na ação, na companhia dos adultos. Ela sabe onde o corpo ficou enterrado.

c) Luto por pessoas

As crianças referenciam o luto por pessoas como algo triste, acompanhado de choro. Na vivência desse processo, relatam as reações dos adultos e procuram responder sobre o destino da pessoa ou do animal que morreu.

O meu vô fumava muito e aí ficou doente e morreu. Mas a minha bisavó era bem velhinha e ela ficava na cadeira de rodas. Todo mundo vinha lá em casa para conversar com ela. Quando ela tava na nossa casa, a minha mãe dava banho nela e vinha o dindo pra ajudar a colocar a bisa na cama. A vô também vinha pra ajudar e tinha que dar comida na boca dela. Quando ela já estava mais velha um pouco, foi morar na casa da vô, que é perto da nossa casa e a gente ia lá todos os dias... coitadinha da bisa! Quando ela faleceu, era um dia muito triste, botaram ela dentro de um caixão. Vieram muitas pessoas, que eram seus amigos e amigas. Minha mãe, a dinda e o dindo choraram.. (Menina A, cinco anos).

A criança expressa também a ciência diante do drama da vida que finda. Ela acompanha a perda das forças físicas, a dependência alheia e, por fim, todo um círculo de solidariedade e fraternidade que se cria em torno da pessoa enferma, que já não tem mais condições de se autogerir.

Outro aspecto que chama a atenção é uma certa conformidade diante da morte de um idoso. O Menino 2 (seis anos) o expressa bem:

Fui no velório do vô do meu amigo. Fiquei triste. O vô dele estava dentro do cemitério, no buraco. Acho que ele está pensando neles, na mãe deles. Ele não volta porque tá morto. Morrer acontece com todo mundo porque eles são velhinhos.

Percebe-se que, ao mesmo tempo em que há o reconhecimento, também há um argumento de conforto, a saber, “são velhinhos”. Não significa a minimização do drama diante da morte, mas um argumento que conforta, uma vez que é sabido que o evento da morte necessariamente irá chegar e que a pessoa já teve um bom tempo de vida.

d) Ritual

A morte é um acontecimento que põe fim ao ciclo produtivo do ser humano. O mundo está direcionado para a produtividade, logo, a morte, não raro, é um assunto ausente nos diálogos. O anúncio de uma gravidez é comemorado com um ritual de chá de fralda. O batizado e o aniversário de um ano de nascimento são celebrados com rituais de festa. Vários são os rituais

que marcam a passagem de acontecimentos significativos na vida das pessoas, em que ocorrem a presença e a participação das crianças que expressam a sua participação nesses eventos:

Eu fui junto com minha mãe lá onde eles colocaram flores, é no cemitério. A tia fica o dia inteiro lá. Eles botaram um pouco de água nela, foi um Padre que respingou água azul. Agora não dá mais pra ver ela, só a foto. Lá no cemitério, onde eles levaram ela, agora tem uma foto e flores. (Menino A, quatro anos).

Eu fui junto com minha mãe e meu pai quando a vizinha faleceu. Eu vi ela lá no caixão. Ela tava bem bonita. Ela parecia uma noiva. O meu amigo, que é o irmão dela, chorou muito. A minha mãe também chorou, eu vi... Eu não chorei. Lá naquele lugar tinha uma capelinha, que às vezes vem aqui em casa, pra rezar. E as pessoas rezavam e cantavam. Tinha muitas flores lá... Isso aconteceu num dia, não de noite e o sol tava muito quente. (Menino B, cinco anos)

Quando ela faleceu, era um dia muito triste. Botaram ela dentro de um caixão. Vieram muitas pessoas, que eram seus amigos e amigas. Minha mãe, a dinda e o dindo choraram... Quando a missa acabou, eu tava muito cansada e eu não sei onde levaram a bisa. (Menina A, cinco anos).

No ritual da morte, na maioria das vezes, ocorrem a exclusão e o afastamento das crianças. Esta é uma atitude que não permite às crianças a vivência de acontecimentos de perda e morte, que causam sofrimento e dor, inerentes à vida humana.

A morte do meu vô foi triste. Chorei muito e ele foi enterrado. Quando o meu vô morreu, fiquei triste. Tocou três vezes o sino, de manhã, ao meio-dia, na hora do pastor falar as poesias e as pessoas cantar. Só me lembro das músicas, a mais linda e a mais triste. Ela é linda e triste. Eu sei cantar um pedaço da música: 'Nos caminhos divertidos, faltará ...' No dia foi muito triste. (Menino 4, sete anos).

Partindo do relato das experiências, as crianças demonstram que estão aprendendo a conviver e a organizar as suas inquietações e vivências. A participação no ritual da morte é uma necessidade para algumas crianças.

Eu fui no enterro da vizinha. Ela era da nossa família. Era mãe da minha amiga. Fui no velório. Ela estava deitada no caixão. Todas as pessoas estavam chorando. A vó, o vô, a bisa estavam chorando. Eu estava meio tristonha. Ela está no céu. Se ela foi para o céu, eu acho que ela virou anjo. (Menina A, seis anos).

Essa necessidade é primordial no enfrentamento dos medos e elaboração de vivências - essenciais na história de vida da pessoa em permanente (re)construção: perdas e morte, mudanças e incertezas.

e) Pós – morte: “céu x inferno”

O pós-morte é percebido como o momento em que os animais e as pessoas, depois de enterradas no cemitério ou na terra, vão para o céu ou para o inferno. Eles ficam no céu junto de Deus, das estrelas, viram estrelas anjos, dormem, brincam ou continuam como estavam na terra.

O meu vô morreu. Eu fiquei chorando. Ele tá no cemitério. Agora ele tá no céu, é uma estrelinha. O Mini está no céu, como estrelinha, junto com o vô. (Menina 2, seis anos).

A gente fica ao lado de Deus, montando a história do que a gente fazia na terra. Isto é verdade, né? Eu achava que a gente virava anjo. Eu pensava que o meu tio era um anjo, que voltaria de noite. O meu tio morreu quando eu não existia. Ele está no céu brincando com o meu vovô, contando piada, tomando refri. Algumas pessoas quando morrem vão ao paraíso, outras que são do mal vão para o inferno. Eu acho que lá é bem seco, tem muito fogo, caveiras, é tudo feio. Quando a gente morre, conhece todos os seus antepassados, bisavôs. Quando eu sento na cadeira do vovô, me sinto triste porque não vejo ele lá ... (Menino 4, sete anos).

O inferno é o destino das pessoas do mal, é um lugar feio e repleto de símbolos relacionados à morte: seco, fogo e caveiras. A tristeza e a falta da presença física das pessoas são sentidas e expressas.

f) Reprodução da fala dos adultos

As crianças apresentam em seus relatos a fala dos adultos que são utilizados como fonte de conforto, explicação ou questionamentos. “Nunca será demais repetir: o meio em que a criança se desenvolve é o universo adulto, e esse universo age sobre ela da mesma maneira que todo o contexto social, condicionando-a ou alienando-a” (MÈREDIEU, 2008, p. 3-4). As crianças apresentam essa perspectiva nas suas falas: “*No dia do temporal, a mãe disse que Deus estava morto e o diabo solto*”. (Menina 3, sete anos). A autoridade religiosa também se fez perceptível: “*Quem disse que a morte faz parte da vida foi o pastor*” (Menino 4, sete anos). E novamente surge a figura da mãe a passar certa segurança: “*A minha mãe chora e ela me disse que estava triste, mas que a tia está lá no céu, no meio das nuvens e das estrelas. Ela está vendo nós, mas nós não vemos ela, por quê?*” (Menino A, quatro anos).

Como podemos perceber, no imaginário da criança as palavras dos adultos povoam suas fantasias e lhe dão o tom de como as coisas podem ser explicadas. Tal contexto traz à tona um problema sério com relação ao condicionante social e mesmo a visão do certo e errado, geralmente ditada pelo adulto.

g) Desejos relacionados ao não morrer

Em adentrando mais na temática da morte, surge o desejo relacionado a não morrer. As falas das crianças que vivenciaram situações de morte e perda de familiares ou animais de

estimação o deixam transparecer: *“Eu adorava meu biso. Ele era muito legal. Eu queria que ele estivesse vivo. Ele tá enterrado no cemitério. A pessoa fica no céu”* (Menino 3, sete anos). No mesmo sentido, essa questão pode ser percebida nas vivências com animais. Percebe-se aqui elementos de uma certa parusia, que efetivamente povoam o imaginário da criança, trazendo a promessa de recompensas na existência para além da morte, tanto para seres humanos quanto para animais.

h) Sentimentos (tristeza – superação)

Os sentimentos que cercam a morte estão relacionados à tristeza, expressa em lágrimas que são apresentadas nas falas e nos desenhos.



Autor: Menino 7, dez anos

Eu tinha um cachorro chamado Xerife. Ele era tão manso que eu podia sentar em cima dele. Quando eu tocava a bolinha, ele ia buscar. Era muito legal. Até que um dia aconteceu o desastre: ele morreu atropelado por um carro. Foi muito triste, mas eu superei a tristeza. (Menino 7, dez anos).

Nos desenhos e relatos das crianças podemos observar o que Derdyk (1989, p. 11) expressa muito bem ao expor que:

A criança está integralmente presente em tudo o que faz, principalmente quando existe um espaço emocional que o permita. Existe um pensar por trás de seu fazer, por trás de suas pequenas operações, como subir e descer uma escada, balançar insistentemente um chocalho, amassar um papel. A criança vivencia, organiza, operacionaliza, elabora, projeta, constrói, destrói em busca de novas configurações. O caos e a ordem se alternam.

Falando, escrevendo, desenhando sobre as suas vivências a criança organiza os sentimentos. Mas ela busca a superação, frequentemente encontrada na continuidade de experiências que a vida lhe proporciona. O sentimento de superação é expresso nas seguintes colocações: *“Eu fiquei muito triste no dia que morreu meu cachorrinho Bobi, mas agora eu já*

tenho outro: o Tobi” (Menino B, cinco anos). E mais ainda: “Agora eu tenho um outro cachorro bem bonitinho, pretinho, chamado Formigão”. (Menino 1, seis anos).

A superação de uma situação de perda está relacionada à memória. Ao falar sobre a morte, a criança acaba como que se debruçando sobre o que permanece após a perda e se conforta: “[...] *eles vão continuar na minha memória para sempre*”. (Menina 4, oito anos).

Os adultos que convivem com crianças em situações de morte muitas vezes procuram não falar sobre o ocorrido. Segundo Kovács (2003), ao não falar, o adulto crê que está protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada, sem ter com quem conversar.

i) Indícios de superação (do luto da morte)

Conforme víamos anteriormente, a morte é percebida pelas crianças sobretudo relacionada ao sentimento de tristeza. *“É triste morrer porque a gente não existe mais, não pode comer, não pode tomar água, não pode fazer nada, daí ...”* (Menino 1, seis anos). Porém, a criança manifesta também um sentimento de continuidade, não em contraposição à morte, porém de um estado de não vida, de existência em outro sentido. *“A morte é para as pessoas que cumpriram seu dever na terra e vão para o céu. A morte para mim é que as pessoas já cumpriram seu dever na terra. E da terra as pessoas vão para o céu, junto de Deus. E se tornam anjos”*. (Menina 14, dez anos).

Observando a tristeza das pessoas diante da morte, a criança elabora raciocínios complexos sobre a questão, trazendo concepções que possibilitam distinguir tipos de morte e posturas distintas frente a ela.

A morte é feliz para quem morre. Todo mundo não sabe o que é morte. Alguns têm morte triste, outros feliz. Morte feliz quando você morre logo. Morte triste quando fica baixado no hospital e depois morre. A gente já estava morto, nasceu de novo. A gente era uma semente, um óvulo. (menino 4, sete anos).

No relato anterior é possível perceber o entendimento de que o nascimento é o surgimento da vida. O surgimento da vida contrapondo-se à morte. Já outra percepção é que não veremos mais o ser que morreu. A morte é a despedida do corpo. *“Morte é adeus, nunca mais veremos”* (Menino 8, dez anos).

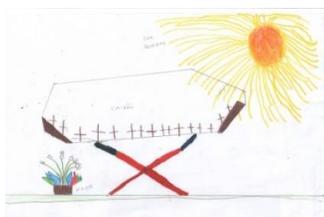
Categorização dos desenhos

Na categorização, ou seja, classificação dos desenhos, observamos a unidade de expressão, que foi se constituindo desta maneira:

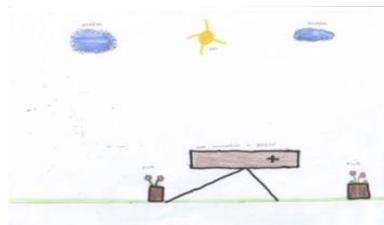
- 1) Caixão – flores – cruz;
- 2) Céu (sol, nuvens, estrelas, animais – Deus);
- 3) Acidentes – estrada asfaltada – animais mortos sangrando – pessoas chorando;
- 4) Temporal.

1) Caixão – flores – cruz

A primeira unidade de expressão comunica o ritual de morte que traz os símbolos relacionados ao caixão, cruz e flores. Os desenhos abaixo expressam bem o sentimento da criança e “falam por si mesmos”:



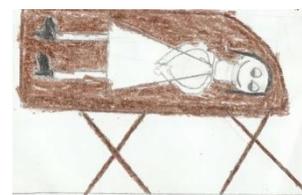
Autor: Menino B, cinco anos



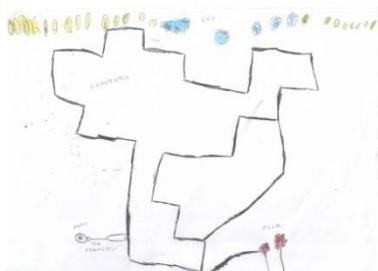
Autor: Menina A, cinco anos



Autor: Menino 1, seis anos



Autor: Menino 6, dez anos



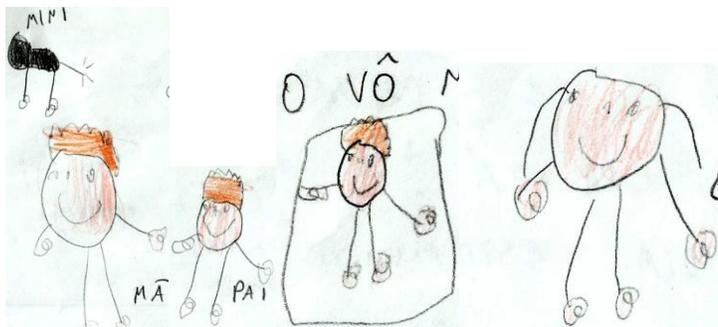
(cemitério)

Autor: Menino A, quatro anos

A riqueza dos traços feitos pelas crianças revela um jeito próprio de compreender e se relacionar com o evento da morte. Exercendo a sua função comunicativa, o desenho “reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento” (DERDYK, 1989, p. 29). Significa que devemos aguçar nossa sensibilidade a ponto de permitirmos que as expressões e imaginações dos desenhos nos afetem e se expressem por si mesmos. Por isso, sugerimos ao leitor que volte novamente a observar os desenhos e faça breve pausa ao contemplar cada um.

2) Céu (sol, nuvens, estrelas, animais – Deus)

Nesta categoria de expressão o desenho comunica o pós-morte. Para a criança, uma questão está bem clara: não há um fim após a morte, o que ela expressa com a ideia de que os animais de estimação e as pessoas vão para o céu.



Autor: Menina 2, seis anos.

“O meu vô morreu. Eu fiquei chorando. Ele tá no cemitério. Agora ele tá no céu, é uma estrelinha. O Mini tá no céu, como estrelinha, junto com o vô” (Menina 2, seis anos).

Curiosamente um dos desenhos é inserido dentro de um quadro, dando a entender que se trata de um lugar especial, inscrito em uma nova realidade, na qual o avô da criança demonstra expressões de felicidade.

3) Acidentes – estrada asfaltada – animais mortos sangrando – pessoas chorando

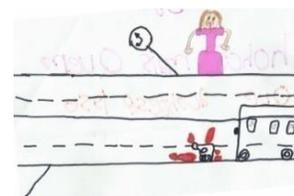
A expressão destes desenhos comunica o atropelamento como causa da morte dos animais de estimação e a tristeza gerada.

A criança projeta no desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel. Os traços, os rabiscos, as garatujas estão ali, à mostra, escondendo os índices de uma realidade psíquica não imediatamente acessível, exibindo uma atividade profunda do inconsciente. Existe uma vontade de representação como também existe uma necessidade de trazer à tona desejos interiores, comunicados, impulsos, emoções e sentimentos. (DERDYK, 1989, p. 51).

As lágrimas e o olhar dirigido para o local ou objeto causador da morte são perceptíveis com muita ênfase.



Autor: Menina 9, oito anos



Autor: Menina 11, nove anos

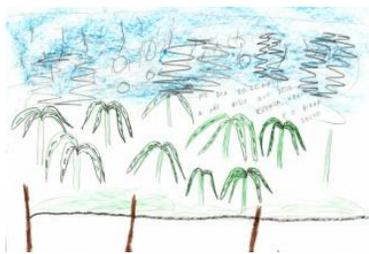


Autor: Menina 12, nove anos

O carro e o ônibus são vistos pela criança como instrumentos de morte, sendo a estrada um lugar perigoso. Assim como a morte ronda as estradas, o sentimento de dor e desespero se faz sentir na imagem do menino chorando e do olhar impotente à beira da estrada frente ao animalzinho atropelado. Ambos revelam bem a situação de violência frente à morte prematura.

4) Temporal

Os desenhos expressam o medo de morrer e ter perdas decorrentes de temporais, que apontam para situações já vivenciadas anteriormente. Nesta perspectiva, podemos afirmar que: “O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar”. (DERDYK, 1989, p. 51).



Autor: Menina 3, sete anos.

“No dia do temporal, a mãe disse que Deus estava morto e o diabo solto”.
(Menina 3, sete anos).



Autor: Menina 8, sete anos.

Como percebemos no desenho acima, a criança expressa os seus medos, as suas angústias, ou seja, os seus sentimentos por meio do desenho. “O desenho é a memória visível do acontecido: fotografia mental, emocional e psíquica” (DERDYK, 1989, p. 52). Nesse sentido, o desenho se torna condição de possibilidade para uma comunicação profunda dos medos e percepções da criança frente à morte.

Considerações Finais

Este estudo nos levou a perceber que a abordagem do tema da morte no contexto escolar é de fundamental importância, pois ficou evidente que a morte pertence ao mundo da vida da criança e ela não pode simplesmente ser deixada fora dos muros da escola. Os alunos vivenciam acontecimentos de perdas, morte de seus familiares e animais de estimação, mudança de moradia, mudança do corpo, de turma, de professores, e tantas outras mais. Na verdade vivemos num permanente processo de mudança, em que ocorrem pequenas mortes, metamorfoses, que precisam ser trabalhadas no ambiente escolar.

Ao estudarmos os seres vivos, sabemos que estes são classificados desta forma porque nascem, crescem, modificam-se, reproduzem-se e morrem. Esta afirmação pode ser questionada e ampliada nas atividades escolares a partir do enfoque da temática da morte. Sugerimos que seja oportunizado às crianças falarem em sala de aula sobre as suas experiências de perda, seja em relação à morte dos familiares ou pessoas próximas; ou então à morte do seu animal de estimação e outras experiências desse tipo.

Verificamos que o convívio com um animal de estimação é essencial para a criança na construção da sua percepção de morte, assim como a participação nos rituais de sepultamento, tanto de animais quanto de pessoas próximas. Outro aspecto que merece destaque são o diálogo e a partilha de vivências de perdas trazidas pela morte por meio da expressão dos sentimentos pelo desenho. “O desenho é uma atividade perceptiva, algo que não se completa, mas que nos convida, sugere, evoca”. (DERDYK, 1989, p. 43).

O desenho é a comunicação mais utilizada pelas crianças durante esta pesquisa, a saber, o desenho como forma de expressar a percepção da morte, especialmente dos seus animais de estimação. E nada mais expressivo do que permitirmos aqui um breve espaço final para o expressar na linguagem da criança:



Autor: Menino 8, dez anos.

Quando eu tinha sete anos, ganhei um coelho. Oito/nove meses ele foi atropelado por um fusca azul. Depois eu chorei tanto que a minha mãe disse que iria enterrá-lo. Aí eu fiquei mais calmo. E assim fui esquecendo-o (desenho 1). Quando eu tinha feito oito aninhos, ganhei da minha dinda uma cadela salsicha. O tempo passou aí um dia cheguei em casa, não estava mais lá. Fiquei muito triste e chorei lágrimas (desenho 2). Dois meses depois ganhamos uma cadelinha do meu amigo. Aí quatro/cinco dias depois, ela desapareceu. Lá fui eu de novo, chorei (desenho 3). Quando eu fiz dez anos, ganhei dos meus primos três passarinhos. Aí fugiram da gaiola e a minha mãe comprou dois. Aí um morreu, um fugiu. Mas o que fugiu nós pegamos e no

outro dia eles morreram. Um ano depois passou e eu ganhei uma cadelinha chamada Poli. (Menino 8, dez anos).

REFERÊNCIAS

ARANHA, Mária Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo, SP: Moderna, 1993.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2003.

CARRARO, Luciane *et al.* As crianças e o conceito de morte. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. Disponível em: Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 mar. 2013.

CHEMIN, Beatris Francisca. *Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação*. Lajeado, RS Ed. Univates, 2010.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 6. ed. São Paulo, SP: Autores Associados, 2003.

DERDYK, Edidth. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo, SP: Scipione, 1989.

GADELHA, Sylvio; LINS, Daniel (Orgs). *Nietzsche e Deleuze: que pede o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

GIL, A .C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas, 2007.

HONORA, Márcia. *Um senhor amigo*. São Paulo, SP: Ciranda Cultural, 2009.

KOVÁCS, Maria Julia. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2003.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é a morte*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1998.

MÈREDIEU, Florence de. *O desenho infantil*. 15. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 14. ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1999.

MORIN, Edgar. *Para onde vai o mundo?* Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Imago, 1997.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.

TORRES, Wilma da Costa. *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1999.

VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da criança sobre a morte. *Simpósio: Morte: valores e dimensões*, capítulo III. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/3_visao_crianca_sobre_morte.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2013.